

Renan precisa dos novatos

Paulo H. Carvalho/CB - 11/7/06



O MAIOR RISCO PARA O PEemedebista SÃO CORRELIGIONÁRIOS QUE SE DECLARARAM OPOSITORES DE LULA

LUIZ CARLOS AZEDO

DA EQUIPE DO CORREIO

No Senado, o grande vitorioso das eleições passadas não disputou um voto: o atual presidente da Casa, Renan Calheiros, aliado de primeira hora do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em cuja reeleição apostou seu futuro político. Renan sempre defendeu um "governo de coalizão" e o apoio em bloco do PMDB ao governo. Agora, tenta colher os frutos de sua estratégia, pleiteando a reeleição ao cargo. Esse objetivo depende, porém, das novas estrelas que estão chegando ao Senado, entre elas os ex-governadores Joaquim Roriz (PMDB-DF), Marconí Perillo (PSDB-GO) e Jarbas Vasconcelos (PMDB-PE), que já declararam oposição ao governo Lula.

Renan chegou à presidência do Senado depois de uma longa queda-de-braço com o ex-presidente José Sarney, que pretendia se reeleger, mas a emenda que possibilitaria sua permanência no cargo, juntamente com o então presidente da Câmara, deputado João Paulo (PT-SP), não foi aprovada. Na presidência do Senado, Renan se aproximou de Sarney, de quem se tornou grande aliado. Mas

também manteve boas relações com a oposição. Graças a isso, juntamente com Aloizio Mercadante (PT-SP), então líder do governo, conseguiu fazer com que os principais projetos de interesse do Palácio do Planalto fossem aprovados no Senado, na maioria das vezes depois de negociar acordos com a oposição.

Nas eleições presidenciais, Renan lutou para que o PMDB indicasse o vice na chapa do presidente Lula, mas não conseguiu atrair a ala oposicionista do partido. Acabou encampando a tese de que a legenda deveria liberar os diretórios regionais e não fazer coligação nacional. Isso permitiu a manutenção de sua aliança com o senador Teotônio Vilela Filho (PSDB), que se elegeu governador de Alagoas. Renan conta com o apoio de outro alagoano famoso, o ex-presidente Fernando Collor de Mello, que volta à cena política nacional como senador.

Exceções

A maioria dos atuais senadores que disputaram a reeleição foi derrotada em outubro, mas houve exceções. Dos 27 que deveriam renovar seus mandatos, somente seis voltam reeleitos: Pedro Simon (PMDB-RS), José Sarney (PMDB-AP), Álvaro Dias (PSDB-PR), Eduardo Suplicy (PT-SP), Tião Viana (PT-AC) e

Mozarildo Cavalcanti (PTB-RR). Esse cenário favorece a reeleição de Renan. Mas há resistências. O PFL lançou a candidatura do seu líder de bancada, José Agripino (RN), que trabalha os votos da oposição. No PSDB ainda não há muito entusiasmo com a candidatura do aliado peemedebista: a maioria prefere um bom acordo com Renan, temerosa de perder a disputa e ficar de fora da Mesa do Senado.

O perigo para Renan, porém, veio de onde menos se esperava: a bancada do PMDB. Um grupo de seis senadores, liderado por Jarbas e Roriz, resolveu declarar oposição ao governo. E pode chegar a nove integrantes da bancada do PMDB, com a adesão de Pedro Simon e dois suplentes. Além disso, alguns novos senadores são políticos da velha guarda, com antigas relações pessoais no Senado, como o ex-governador baiano João Durval (PDT), os ex-ministros Eliseu Resende (PFL-MG), Francisco Dornelles (PP-RJ) e Alfredo Nascimento (PL-AM), e o ex-deputado Epitácio Cafeteira (PTB-MA), veteraníssimo no Congresso. Renan vai ter de conversar muito para se reeleger, pois a eleição para a presidência do Senado é um xadrez político que depende muito das relações pessoais.